

Relações entre Psicologia Social, Ideologia e Humanismo

Sandra Mara Fim Chies.*

Graduada em Pedagogia, pela Universidade Norte do Paraná. Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Universidade Educar Brasil; Pós-Graduada em Educação Especial pela Universidade Anglo-Americano. Graduando de Psicologia Pela Faculdade Meridional IMED. (Passo Fundo RS) Email: sandrachies@ibest.com.br

Edemilson Meazza.*

Professor Facilitador Didata de Biodanza Titulado pela Internationnal Biocentric Foundation. Graduado em Psicologia Pela Faculdade Meridional IMED. (PassoFundo RS) Email: edemilsonmeazza@live.com

Mariuí Ferreira Frozza,*

Graduanda em Psicologia pela Faculdade Meridional IMED (Passo Fundo RS) Email: Mariua.frozza@gmail.com

Orientador

Israel Kujawa – Professor da Escola de Psicologia, IMED, Brasil. Doutorando em Psicologia na no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio grande do Sul - PPGPSI, UFRGS. E-mail: israel@imed.edu.br

Resumo: O objetivo central do presente artigo é analisar as relações entre a psicologia social, a ideologia e concepções de ser humano. Autores como Robert Farr, Silva Lane, Pedrinho Guareschi, entre outros, propõem uma psicologia social focada em uma concepção de ser humano. Estes autores te matizam princípios individuais, sociais e políticos para uma conduta ética. A partir da explicitação destes princípios e da capacidade humana de elevar o bem-estar e as responsabilidades individuais e coletivas é possível pensar o papel da psicologia social na construção do humanismo.

Palavras chave: Psicologia Social, Construção do Humano, Ideologia, Alteridade.

Abstract: The main objective of this paper is to analyze the relationship between social psychology, ideology and conceptions of human being. Authors like Robert Farr, Silva Lane, Pedrinho Guareschi, among others, propose a Social Psychology focused on a conception of the human being. These authors thematize individual, social and political principles of ethical conduct. From the explanation of these principles and the human capacity to raise the well-being and individual and collective responsibilities is possible to think of the role of social psychology in the construction of humanism.

Key word: Social Psychology, Construction Human, Ideology, Otherness.

1. Sandra Mara Fim Chies. Graduada em Pedagogia, pela Universidade Norte do Paraná. Pós-Graduada em Psicopedagogia pela Universidade Educar Brasil; Pós-Graduada em Educação Especial pela Universidade Anglo-Americano. Graduando de Psicologia Pela Faculdade IMED.

2. Edemilson Meazza. Professor Facilitador Didata de Biodanza Titulado pela Internationnal Biocentric Foundation. Graduado em Psicologia Pela Faculdade IMED.

3. Mariuí Ferreira Frozza. Graduanda em Psicologia pela Faculdade Meridional IMED

4. Israel Kujawa – Professor da Escola de Psicologia, IMED, Brasil. Doutorando em Psicologia na no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio grande do Sul – PPGPSI.

1. Introdução

Consideramos relevante entender a história da Psicologia Social, para explicitar as concepções de humanismo. Tratar de princípios como alteridade, construção da subjetividade, identidade psíquica e identidade cultural parece um exercício de ficção, quando nos deparamos com as condições da vida contemporânea. No entanto, necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca, ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física e intelectualmente, identificando e resolvendo problemas que ele apresenta. O objetivo central deste artigo trata das relações entre a psicologia social, ideologia e a concepção de ser humano. No problema está incluído questionamentos sobre as bases teóricas que justificam uma concepção de ser humano individual e social. Entre os objetivos específicos está a tematização de duas formas de fazer psicologia que são a sociológica e a psicológica. Para tratar deste objetivo, o primeiro ponto do artigo trata da psicologia social como ciência que procura compreender o comportamento social. Seu campo de ação é, portanto o comportamento analisado em todos os contextos e se relacionando com objeto principal da psicologia social que é o indivíduo em sociedade. O segundo objetivo específico identifica a construção do ser humano a partir da produção dos meios de vida. Para tratar deste objetivo aborda concepções de humanismo identificado com uma psicologia sócio histórica. Para finalizar, o terceiro ponto tem como objetivo evidenciar as relações entre alteridade ou capacidade de se colocar no lugar do outro, a ideologia que fundamenta e as contribuições da psicologia social. A metodologia empregada na elaboração desse artigo se concentrou na leitura de teóricos, humanistas e pensadores sociais, para a compreensão e análise do tema.

2. A Psicologia e o comportamento social

A Psicologia Social tem como foco o estudo do comportamento do indivíduo em sociedade. Segundo Lane (1995) o ambiente social incide no comportamento do indivíduo antes do seu nascimento, pois o contexto familiar e as condições em que a gestação acontece determinam a forma como este momento será significado e vivenciado. A psicologia estuda o convívio social, como ele se processa, quais as leis que regem e quais as conseqüências do processo de interação social. O objeto principal da psicologia social é o indivíduo em sociedade, pois não vivermos isolados, mas estamos em constante interação com outras pessoas.

As principais teorias da Psicologia Social são as que se debruçam sobre a aprendizagem social, com base no behaviorismo, na perspectiva cognitivista, na perspectiva sociocultural e na perspectiva evolutiva baseada na influência biopsicossocial. As principais áreas da psicologia social são a *percepção* no que se refere à compreensão do outro, as *atitudes* na tomada de decisão em relação às mudanças das mesmas, *agressão e conflito* como fenômenos sociais na interação com o outro e as dinâmicas *de grupos* que visam compreender e conhecer a própria identidade. Segundo pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia em 1988, publicada no livro *Quem é o psicólogo brasileiro*, os motivos apontados quando da escolha da profissão podem ser de três ordens:

Dos motivos voltados para si emerge a busca de mudanças; daqueles motivos voltados para o outro se evidencia a orientação de ajuda e, finalmente, dos motivos voltados para a profissão fica patente a atração e fascínio que o psíquico exerce sobre as pessoas (Carvalho et al., 1988, p.56).

Isso significa que boa parte dos estudantes e profissionais da psicologia no Brasil tem a sua atuação voltada para a chamada psicologia tradicional na área clínica, que tem, historicamente, caráter privativo e individualizado. A psicologia social se diferencia em muitos aspectos da proposta de consultório focando no indivíduo que está inserido na sociedade, que faz parte de um grupo social. Segundo Lane (2006), nosso modo de agir é determinado pelo grupo social ao qual pertencemos. Como, nesta convivência, definimos nossa identidade. A Psicologia Social estuda o comportamento dos indivíduos enquanto seres influenciados, por intermédio da linguagem e dos valores que assimilamos. Tratando do desenvolvimento da consciência social, na escola e no trabalho, a autora nos faz compreender a transformação do indivíduo em agente da história de sua sociedade.

Estudando o processo de interação entre as pessoas, a psicologia social permite que se tenha uma melhor compreensão do comportamento social. Segundo Neves (2013), esta concepção de ser humano recoloca a relação indivíduo e sociedade, rompendo com a perspectiva dualista e dicotômica, na qual indivíduo e contexto social influenciando-se mutuamente. Propõem em seu lugar a construção de um espaço de intersecção com novos temas, entre os quais, as representações sociais são os exemplos mais representativos. Nestes temas está incluído o estudo das causas e efeitos do comportamento individual e da interação dos mesmos com o grupo ou sociedade. Além disto, uma compreensão dos pensamentos, atitudes e comportamentos individuais que repercutem no campo social e no campo individual.

No Brasil, a Psicologia Social se constrói no final dos anos de 1970 e a partir dos anos de 1980 depara-se com uma literatura disponível que não responde as inquietações e que reproduz o modelo tradicional da Psicologia Social. Em 1980 surge ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social) através das mãos de alguns pesquisadores, que organizam a ruptura da psicologia social brasileira. O rompimento com a psicologia social norte americana está claramente colocado, na discussão o materialismo histórico dialético. Também conhecida como psicologia marxista, esta perspectiva rompe com a psicologia social cientificista. Na época o país estava mergulhado na ditadura militar e a psicologia social se apresentou como uma alternativa aos métodos cientificistas. Como diz Farr:

No início da Era Moderna, a Psicologia Social nas universidades da América Latina foi fortemente influenciada pela forma psicológica dominante da psicologia social da América do Norte. A psicologia social na Era Moderna foi um fenômeno caracteristicamente americano. Muitos dos proeminentes professores de Psicologia Social nas universidades latino-americanas receberam sua formação de pós-graduação nos Estados Unidos da América. Essa é uma situação que agora está começando a reverter, na medida em que a psicologia social está se fortalecendo mais na Europa e a hegemonia da língua inglesa como veículo de publicação em psicologia social está sendo desafiada pela literatura florescente, em psicologia social, nos idiomas latino-americanos (FARR, 1996, p. 11-12.)

Segundo Farr (1994), existem duas formas diferentes de psicologia social: formas psicológicas e formas sociológicas. As formas psicológicas de psicologia social reduzem as explicações do coletivo e do social a partir de leis individuais. O indivíduo é entendido como uma entidade liberal, autônoma, independente das relações com o contexto social que o cerca e consciente de si. Segundo Figueiredo (1991), a história da psicologia emerge quando reconhece a instância individual do homem na sociedade e que, por motivos sociais, políticos e econômicos, necessita ser normatizada e padronizada. Desta forma, a psicologia só ganha espaço quando se tem o reconhecimento da *experiência privatizada*, bem como o reconhecimento da *experiência da crise desta subjetividade*. Ainda, é quando a doutrina liberal afirma a individualidade, liberdade e igualdade dos homens que se dá o reconhecimento daquela subjetividade. Entretanto, o próprio indivíduo percebe que estes princípios são mera ilusão, ocasionando assim a crise da subjetividade, que requer solução.

Quando os homens passam pelas experiências de uma subjetividade privatizada e ao mesmo tempo percebem que não são tão livres e tão diferentes quanto imaginavam, ficam perplexos. Põem-se a pensar acerca das causas e do significado de tudo que fazem, sentem e pensam sobre eles mesmos. Os tempos estão maduros para uma psicologia científica (Figueiredo, 1991, p.30).

Temos afirmado que esse é um bom motivo para estudar a história da psicologia (Cambaúva, Silva & Ferreira, 1997). Estudar a história da psicologia é apreendê-la na sua totalidade enquanto criação humana, isto é, compreender como, por que e quando foi criada. Isso pode significar a compreensão do predomínio de linhas teóricas, a eleição dominante de uma determinada área de atuação, o aparecimento de novas áreas de atuação. Mas estudar a história da psicologia vai, além disso, e inclui o homem como produtor de conhecimento. De dessa forma, o situa frente ao mundo em que vive e no qual atua. A forma de compreender a psicologia tem a pretensão de estudar a sociedade, no entanto não pode ignorar a existência de fatores psicológicos ou individuais que influem no comportamento social. Neste caso o estudo da mente humana e da sua interação na sociedade ou de grupos específicos dentro da mesma, se apresenta como um misto de Psicologia e de Sociologia. Em outras palavras o estudo da psicologia na forma sociológica, se apresenta em três vertentes, que inclui conhecer o outro, as influências recíprocas entre ambos e as interações sociais. A Psicologia Social passa a estudar comportamento social, apoiando-se na compreensão das interações sociais, processo cognitivo, variáveis ambientais, contexto cultural e fatores biológicos dos indivíduos. Desta forma estamos considerando que o homem produz sua história e compreender como desenvolve ideias na sua relação com o mundo.

2.1. Concepções de Humanismo e as contingências sociais

Segundo pensamento de Marx (1984), o primeiro pressuposto de toda história humana é a existência de indivíduos humanos vivos, que se distinguem dos animais, não pelo fato de pensar, mas de produzir seus meios de vida. A organização corporal destes indivíduos e sua relação com a natureza constituem a história da humanidade. Esta relação implica em transformação dos homens e da natureza, registrando pensamentos, que apóiam o conhecimento do mundo. Dessa maneira, o conhecimento humano se apresenta de diferentes formas: como conhecimento histórico, filosófico, teológico, senso comum, científico e tantos outros.

Para Chauí (2002), dadas características que trazem a humanidade ao homem, como a liberdade, racionalidade, comunicabilidade e possibilidade de interação com a natureza e o tempo, a sociedade e a cultura definem o homem como sujeito do conhecimento e da ação, não podendo a violência reduzi-lo a coisa ou objeto. No entanto, tal cultura e sociedade, ao delinarem o que têm por crime, vício e o mal em geral, acabam por circunscrever aquilo que

entendem por violência contra o próximo e, assim, erguer os valores positivos do bem e da virtude, como barreiras éticas contra a violência. Mais uma vez, sem que se perceba, os homens são educados e cultivados por criação histórico-cultural na busca da sociedade por uma manutenção de seus padrões morais que, com o tempo e as gerações, são naturalizados. As ideias psicológicas acerca de processos individuais e subjetivos se converterem em ciência requerem um pensar sobre a história da humanidade, sobre o desenvolvimento do seu pensamento enquanto manifestação da sua condição de vida material. Assim, apesar do fundo comum que possa haver entre sociedades com relação a certos valores éticos, é ainda primordial que seja respeitado aquilo que pode ser considerado como atitude ética pelas mais variadas culturas, ainda que tais valores agridam o que se tem por valor ético em sua própria sociedade, como, por exemplo, a manutenção da condição humana de sujeito sem que este se transforme em coisa a ser manipulada por outros. O humanismo é uma postura de vida democrática e ética que afirma que os seres humanos têm o direito e a responsabilidade de dar sentido e forma às suas próprias vidas. Defender a construção de uma sociedade mais humana através de uma ética baseada em valores humanos e outros valores naturais, dentro do espírito da razão e do livre-pensamento, com base nas capacidades humanas

Desta forma, o humanismo constitui uma postura de vida que entra na esfera da compreensão do Outro. A psicologia humanista é uma reação ao determinismo nas práticas psicoterapêuticas, compreendendo o homem como autor de sua própria história e mesmo tempo preso a ela. Até o problema mais simples deve ser objeto de investigação psicológica para entender o indivíduo como ser humano, incluído em um mundo social constituído por ações e interações, subordinadas a usos, costumes e regras e dizem respeito a meios, fins e resultados. Resumidamente humanismo, nesta forma de compreensão, significa, entre outras coisas, reconhecer que estamos em relação uns com os outros, que precisamos exercitar a compreensão para atingir o mundo do vivido do outro, aceitando sua racionalidade e intencionalidade.

2.2. As contribuições da psicologia social para uma concepção de humanismo

Passamos a tratar das relações que podem ser estabelecidas entre a psicologia social, ideologia e humanismo. A psicologia social deve estudar as formas de alteridade pensando

nos modos pelos quais se estabelecem as trocas entre os seres humanos. Ao fazer estudo identifica a construção da subjetividade de um sujeito, constituída na relação com o outro. Implica, também, pensar na diferença, para aceitação mútua, o reconhecimento da singularidade e da identidade. Para que as ideias psicológicas acerca de processos individuais e subjetivos se converterem em ciência se faz necessário pensar sobre a história da humanidade, sobre o desenvolvimento do seu pensamento, enquanto manifestação da sua condição de vida material. Se faz necessário perguntar sobre as relações que podem ser estabelecidas entre a psicologia social, o entendimento da história e a ideologia que fundamenta as concepções de ser humano. Na discussão sobre o homem como objeto da ciência se inclui a interdisciplinaridade entre as subdivisões para investigar as condições que possibilitam a consolidação do olhar da Psicologia.

As condições econômicas e sociais advindas do modelo político-econômico vigente da globalização da economia promovem o aumento da recessão, dos privilégios e do desemprego, degradando as relações humanas. A competição pelas ofertas cada vez menores de emprego e a conseqüente ameaça de perda daquilo que garante as condições básicas para a sobrevivência, o apelo ao consumo que não pode ser concretizado e, o pior, os contingentes de excluídos e o decorrente aumento da violência e do ódio social, tornam a convivência entre as pessoas cada vez mais problemática. Neste contexto, falar em alteridade, construção da subjetividade, identidade psíquica e identidade cultural é um exercício árduo. Entretanto, quando constatamos o aumento ininterrupto de pessoas que o sistema excluiu e transformou em moradores de rua, sem teto, sem privacidade, sem sequer um espaço que separe o público do privado, totalmente expostos e invadidos pelos olhares curiosos ou indiferentes dos passantes, fica difícil pensar em preservação da identidade e na sobrevivência do sujeito. O que temos, então, são trocas marcadas pela rejeição, pelo ódio, pela indiferença. Os investimentos afetivos são, em grande parte, da mesma ordem, ou seja, falta amor, fundamento para a bondade e o caráter. As pessoas são coisificadas e as coisas personalizadas.

Tratar do comportamento social como uma questão psicológica isolada é facilmente questionável, pois, sem situar a análise em um campo social, que leva em consideração uma gama muito maior de fatores interdependentes, interagindo entre si, inviabiliza uma completa análise sócio-histórica. (Crespo & Freire, 2014). Atualmente se instalou uma nova forma de individualismo como uma radical mudança de contrato social, o que produziu uma troca

ideológica neoliberal e que põe em questão o modelo antes vigente de repartimento de riquezas e a legitimidade desse repartimento. As responsabilidades da atual constituição da sociedade e do sujeito se constroem mutuamente num processo social, histórico, político e ético.

Portanto segundo Guareschi (2012), a psicologia social faz a junção entre o ser humano sua consciência e a realidade exterior: sua consciência é resultante das respostas que conseguimos dar às perguntas: Por que sou o que sou? Por que o mundo que me rodeia é assim? A verdadeira consciência, isto é, o fundamental e profundo e insubstituível, o essencial do ser humano, é o que ele consegue construir a partir de seu entorno existencial e do que fizeram dele, ou seja, o ser humano começa a se subjetivar, a construir a ter consciência no momento em que descobre respostas às perguntas. É neste sentido que precisamos ter como ponto de partida o entendimento das interações tais como elas se apresentam neste dado momento histórico, como as personalidades se expressam historicamente através da vida institucional e social mais ampla que norteiam tais relações. Esta é uma das tarefas da psicologia social que bem desempenhada, pode nos oferecer elementos necessários para a transformação da realidade.

3. Considerações Finais

A grande contribuição poderá ser vista na ênfase da experiência consciente, na crença na integralidade entre natureza e a conduta do ser humano, no livre-arbítrio, espontaneidade e poder de criação do indivíduo, e no estudo de tudo que tenha relevância para a condição humana. Somente mediante a perspectiva da totalidade, que a consciência é entendida. Esta, por sua vez, deve ser submetida à temporalidade, impedindo-a de ficar estática e desmistificando a existência de uma realidade pura. Seu valor reside na relação que estabelece entre as realidades. Segundo Guareschi (2102), a psicologia social faz a junção entre o ser humano sua consciência e a realidade exterior: sua consciência é resultante das respostas que conseguimos dar às perguntas: Por que sou o que sou? Por que o mundo que me rodeia é assim?

4. Referências bibliográficas

CARVALHO, A. A., ULIAN, A. L. A. O., BASTOS, A. V., SODRÉ, L. G. P., &CAVALCANTE, M. L. P. *A escolha da profissão: alguns valores implícitos nos motivos apontados pelos psicólogos*. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon 1988.

CRESPO, E. & FREIRE, J. *CLa atribución de responsabilidad: de la cognición al sujeto*. *Psicologia & Sociedade*. 2014

CHAUI, M. S. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002

ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983

FARR, R.M. *As raízes da Psicologia Social moderna*. Oxford: Blackwell,1996.

FIGUEIREDO, L.C. *Psicologia: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, Trad. Salma Tannus Muchail, 1999.

GADAMER, H.G. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad: Flávio Paulo Meurer. 3ª. Edição. Petrópolis-RJ: Vozes,1999.

GUARESCHI, P. *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação/ Pedrinho Guareschi*. - 5. ed- Porto Alegre: EDIPURCS, 2012.

HELLER, A. *A morte do sujeito*. Conferência proferida no Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 1992.

HUISMAN, D. V, A. *Compêndio Moderno de Filosofia: a ação*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1987

LANE, S. T. M., &SAWAIA, B. B. *La Psicologia Comunitaria em Brasil*. In E. Wiesenfeld, & E. Sanches (Orgs.). *Psicologia Comunitaria: contribuciones latinoamericanas*. Caracas: Fondo Editorial Tropykos, 1995.

LANE, S. T. *A Psicologia social e uma nova concepção de homem para a "Psicologia"*. In S. T. M. Lane, & W. Codo (Orgs.), *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LANE, S.T. *O que é psicologia social / Silvia T. Maurer Lane*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARX. K. *O Capital: Crítica da economia política*. Vol. I, Tomo II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MONEY-KYRLE, R.E. *Psicanálise e ética*. In: Klein, Melanie Heimann, Paula. *Temas de Psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

NEVES, M. (2013). *Psicologia Social Contemporânea*. Livro-texto/ Marilene Neves, Strey 21ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013

ROGERS, C. R. *As Condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica de personalidade*. In: J. K. Wood (org), 1994. *Abordagem centrada na pessoa* p. 155-177.

RODRIGUES, A. *Psicologia Social*. 9. ed. Petrópolis: vozes, 1981